



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

**MYLLENA COSTA DA SILVA**

**OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM  
PERSPECTIVA DESCOLONIAL**

**ACARAPE-CE  
2025**

**MYLLENA COSTA DA SILVA**

**OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM  
PERSPECTIVA DESCOLONIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Proença

**ACARAPE-CE  
2025**

**MYLLENA COSTA DA SILVA**

**OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM  
PERSPECTIVA DESCOLONIAL**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade Projeto de Pesquisa, apresentado ao colegiado do curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus Palmares, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em humanidades.

Aprovado em: 04 de Junho de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Leandro Proença (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Profa. Dra. Fatima Maria Araujo Bertini.  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante.  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

**ACARAPE-CE  
2025**

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender os desafios da aprendizagem na educação infantil a partir de uma perspectiva descolonial. Partimos da problematização do processo de escolarização moderna e suas concepções hegemônicas e universalistas que se impõem por meio de ideologias e concepções de infância que pautam a educação infantil em territórios que estão à margem do poder colonial. Pretendemos analisar quais as concepções de infância e de educação infantil permeiam as práticas pedagógicas na Escola de Educação Infantil Francisco Raimundo de Lima, situada em Boqueirão da Faísca, comunidade do município de Redenção. Promovendo um diálogo entre autores(as) ocidentais e autores(as) descoloniais, pretendemos estimular novos enfrentamentos relacionados aos desafios de aprendizagem na Educação Infantil no contexto de territórios marcados por políticas e ideologias coloniais, contribuindo para a renovação das práticas pedagógicas que promovam valorização das infâncias, respeitando a dignidade das crianças.

**Palavras-chave:** Infância; Educação Infantil; Descolonialidade; Aprendizagem; Escolarização Moderna.

**ABSTRACT:**

This research aims to understand the challenges of learning in early childhood education from a decolonial perspective. We begin by problematizing the process of modern schooling and its hegemonic, universalist conceptions that impose themselves through ideologies and notions of childhood that shape early childhood education in territories marginalized by colonial power. Our goal is to analyze which conceptions of childhood and early childhood education influence pedagogical practices at the Francisco Raimundo de Lima Early Childhood School, located in Boqueirão da Faísca, a community in the municipality of Redenção. By fostering a dialogue between Western and decolonial authors, we intend to encourage new approaches to address learning challenges in early childhood education within territories marked by colonial policies and ideologies. This contributes to renewing pedagogical practices that promote the valorization of childhood and respect for children's dignity.

**Keywords:** Childhood; Early Childhood Education; Decoloniality; Learning; Modern Schooling

## SUMÁRIO

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| 1 APRESENTAÇÃO.....            | 06 |
| 2 JUSTIFICATIVA.....           | 08 |
| 3 OBJETIVOS.....               | 10 |
| 3.1 Objetivo Geral.....        | 10 |
| 3.2 Objetivos Específicos..... | 10 |
| 4 METODOLOGIA.....             | 11 |
| 5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....   | 12 |
| 5.1 Infância.....              | 12 |
| 5.2 Educação Infantil.....     | 14 |
| 6 REFERÊNCIAS.....             | 22 |

## 1. APRESENTAÇÃO

A Educação Infantil, que abrange crianças de zero a cinco anos, é uma etapa crucial no processo de escolarização, pois influencia de maneira significativa o desenvolvimento integral do indivíduo. Nesse período da primeira infância, o cérebro está altamente receptivo às experiências, o que torna os estímulos recebidos particularmente impactantes e duradouros em várias áreas do desenvolvimento, incluindo o físico, cognitivo, emocional, social e afetivo. O desenvolvimento emocional e afetivo nesta fase é fundamental, pois a formação de vínculos afetivos seguros contribui para a construção da autoestima, da confiança e da capacidade de lidar com as emoções ao longo da vida. Problemas na formação desses vínculos podem gerar dificuldades emocionais e afetivas, prejudicando o bem-estar e o desenvolvimento saudável da criança. No aspecto cognitivo, a fase de Educação Infantil também é decisiva para a aquisição de habilidades básicas, como a linguagem, o raciocínio lógico e a resolução de problemas. A qualidade do ambiente, dos estímulos e dos cuidados recebidos durante esse período é essencial para o pleno desenvolvimento do potencial de cada criança. Entre esses desafios, podemos destacar:

1. Diversidade de necessidades: Cada criança possui seu ritmo, interesses e necessidades específicas, o que demanda abordagens pedagógicas variadas.
2. Conflitos sociais e emocionais: Problemas familiares, questões emocionais podem impactar o desenvolvimento e a aprendizagem.
3. Recursos limitados: A falta de materiais, espaços adequados ou formação adequada dos profissionais pode prejudicar a qualidade do ensino.

Um ambiente acolhedor, estimulante e respeitoso promove o aprendizado e o crescimento saudável. Respeitar o ritmo individual de cada criança e compreender seus processos de aprendizagem são atitudes fundamentais para evitar que a falta de compreensão ou de estímulos adequados resulte em indivíduos futuramente inseguros ou com dificuldades de desenvolvimento, pois toda criança tem o direito por lei de uma educação de qualidade que promova seu desenvolvimento integral, cidadania e bem-estar. No Brasil, esse direito está protegido pela Constituição Federal de 1988, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996). Onde busca assegurar que todas as crianças, independentemente de sua origem social, econômica ou racial, tenham acesso a uma educação que promova seu pleno desenvolvimento, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes, críticos e capazes de transformar a sociedade.

Fiquei atraída por esse tema devido às minhas próprias experiências com dificuldades relacionadas à falta de respeito pelo ritmo de cada indivíduo no processo de aprendizagem e como isso prejudica o desenvolvimento. Vivenciei esse problema como aluna da rede pública de Redenção - CE, ainda recordo o sentimento de impotência que sentia, principalmente nas horas da atividade passada em sala de aula, pois ficava observando todos eles conseguindo fazer as atividades propostas e entendendo o que se pedia naquelas simples folhas, que para minha compreensão parecia está escrita em outra língua distinta.

A minha experiência acadêmica nas componentes curriculares do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), foi fundamental para minha preparação como futura professora, pois me ajudou a ter um pensamento e uma análise mais crítica e mais sensível e empática sobre a diversidade de cada pessoa. Como é formação uma que é dividida em dois ciclos, agora no último ano do BHU tive disciplinas do curso de pedagogia que é o segundo ciclo da formação. Nas componentes curriculares do curso de Pedagogia em que tive o prazer de participar, contribuiu significativamente para consolidar minha compreensão e valorização do papel do docente na educação infantil. Observando professores(as) que demonstravam uma compreensão afetiva e respeito genuíno pelos seus alunos, pude perceber a importância de criar um ambiente acolhedor e estimulante para o desenvolvimento integral das crianças. Essa percepção despertou em mim o desejo de aprofundar meus estudos sobre a relação entre o afeto, o respeito mútuo e a prática pedagógica na educação infantil.

Além disso, essa experiência reforçou minha convicção de que a formação na área deve ir além do domínio de conteúdos técnicos, incluindo também aspectos emocionais e relacionais essenciais para promover uma aprendizagem significativa e transformadora. Ao buscar aprofundar esse tema, quero compreender melhor como as atitudes e posturas dos educadores que podem impactar positivamente, e às vezes negativamente, o desenvolvimento socioemocional das crianças, além de contribuir para a formação de profissionais mais sensíveis, empáticos e comprometidos com a infância. Assim, minha trajetória acadêmica e minhas experiências práticas reforçam minha determinação em seguir uma carreira dedicada a promover uma educação infantil mais humanizada, afetiva e respeitosa.



## 2. JUSTIFICATIVA

A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, influenciando suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. No entanto, diversos desafios têm sido identificados nesse estágio de aprendizagem, os quais podem impactar significativamente o desempenho e o desenvolvimento futuro dos alunos. A importância de compreendermos os desafios enfrentados na aprendizagem na educação infantil torna-se evidente ao considerarmos o papel fundamental que essa fase desempenha no desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Como mãe, considero essa questão extremamente preocupante, pois meu filho em breve iniciará sua trajetória na vida escolar. Se esses desafios não forem adequadamente abordados, há o risco de que ele se torne mais uma criança inserida em estatísticas relacionadas aos problemas de aprendizagem na educação infantil. Essa situação reforça a importância de investigar e compreender os fatores que influenciam o desenvolvimento educacional na fase inicial, a fim de promover intervenções eficazes e garantir um percurso escolar mais positivo para as crianças.

De acordo com levantamento realizado no repositório institucional da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, onde são disponibilizados os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), pude constatar que, ao realizar buscas por palavras-chave como "Educação" e "Infantil", aparecem diversos trabalhos relacionados. No entanto, ao pesquisar pelo termo "Aprendizagem", não foram encontrados trabalhos publicados. Essa ausência evidencia a importância de desenvolver uma pesquisa específica sobre o tema, uma vez que ela poderá contribuir significativamente para professores da rede pública de ensino de Redenção, especialmente na formação continuada pois diante das constantes mudanças na sociedade, nas tecnologias e nas políticas educacionais, que exigem que os profissionais da educação estejam sempre atualizados para oferecer um ensino de qualidade.

A realização desta pesquisa nas escolas da rede pública de redenção justifica-se pela necessidade de compreender de forma aprofundada o contexto educacional local.

Além disso, a pesquisa contribuirá para o aprimoramento das práticas pedagógicas, fortalecimento da gestão escolar e promoção de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e de qualidade. Isso permitirá que os educadores desenvolvam estratégias mais eficazes para promover o engajamento, a aprendizagem significativa e a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas diferenças ou dificuldades. Ao mesmo tempo, o estudo poderá fornecer subsídios para a gestão escolar, possibilitando uma tomada de decisão mais embasada

e alinhada às realidades das instituições de redenção. Com dados e análises detalhadas, gestores poderão implementar ações mais assertivas, otimizar recursos e criar políticas internas que favoreçam um ambiente escolar mais organizado, motivador e eficiente

Os resultados obtidos poderão orientar os gestores públicos na implementação de estratégias que promovam a equidade, a inovação e o desenvolvimento sustentável do sistema educacional na cidade. Ao analisar esses dados, será possível identificar as áreas mais carentes de recursos, as disparidades de acesso e qualidade entre diferentes regiões e grupos sociais, permitindo a elaboração de políticas mais justas e inclusivas. Além disso, esses resultados poderão subsidiar a adoção de práticas pedagógicas inovadoras, integrando tecnologias e metodologias

Ainda mais importante, essa pesquisa pode atuar como uma ferramenta de suporte no ensino na UNILAB, contribuindo para a formação dos futuros pedagogos(as) ao evidenciar a importância de respeitar o ritmo individual de aprendizagem de cada aluno. Ao aprofundar essa compreensão, os pedagogos(as) podem elaborar planos de aula mais flexíveis, incluir metodologias diversificadas e criar ambientes de aprendizagem mais motivadores e acessíveis. Outro aspecto importante é que esse estudo pode contribuir para a formação de uma postura ética e sensível por parte dos futuros pedagogos(as), incentivando-os a valorizar o tempo e o processo de aprendizagem de cada estudante, evitando abordagens padronizadas e potencialmente prejudiciais. Assim, essa pesquisa não só enriquece o repertório técnico dos profissionais em formação, mas também fortalece valores de respeito, empatia e inclusão no âmbito da educação. Mostrando a importância que essa pesquisa tem e como pode trazer uma compreensão melhor de como pode se melhorar.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral:**

Investigar de que forma as concepções hegemônicas, coloniais e universalizantes de infância impactam o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças na Escola Infantil Francisco Raimundo de Lima.

#### **3.2 Objetivos Específicos:**

1. Analisar quais as concepções de Infância e de Educação Infantil pautam as práticas pedagógicas na Escola Infantil de Boqueirão.
2. Construir elementos para a elaboração do sentido de Infância a partir do contexto histórico da comunidade onde se insere a Escola Infantil do Boqueirão.
3. Contribuir para a elaboração de estratégias inclusivas que considerem as diferenças no ritmo de aprendizagem para melhorar o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças na Educação Infantil.

#### 4. METODOLOGIA

Este estudo será realizado por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois essa metodologia possibilita uma compreensão aprofundada das percepções, experiências e significados subjetivos atribuídos pelas docentes à sua prática pedagógica e às concepções de infância. A abordagem qualitativa permite explorar o fenômeno em seu contexto natural, valorizando os discursos e vivências das participantes.

A pesquisa será conduzida na Escola Infantil CEI Francisco Raimundo de Lima, localizada no bairro Boqueirão da Faísca, na comunidade de mesmo nome, pertencente ao município de Redenção, situada a aproximadamente 9 km da sede do município. A escola foi fundada na década de 1960 e, inicialmente, contava com uma única sala de aula. Em 1983, com a chegada de uma nova gestão, houve uma ampliação da estrutura, período em que a escola atendia a uma grande quantidade de alunos provenientes de localidades próximas, como Olho D'Água da Bananeira, Faísca, Olho D'Água dos Constantinos e Riacho das Pedras. Com o tempo, novas escolas foram sendo construídas na região, reduzindo o número de estudantes na instituição. Atualmente, a escola atende exclusivamente às turmas de Educação Infantil II ao V, contando com uma turma de aproximadamente 44 crianças, provenientes das comunidades de Olho D'Água da Bananeira, Faísca e da própria comunidade, atendidas por uma equipe composta por três professoras, uma Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI), uma auxiliar administrativa, duas auxiliares de serviços gerais, um motorista e uma monitora.

O objetivo desta pesquisa é investigar as concepções de infância que permeiam as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes da Educação Infantil na referida escola. A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que oferecem maior flexibilidade para a interação com as participantes e favorecem o aprofundamento das informações obtidas. Serão entrevistadas duas professoras que atuam no turno da manhã, ambas com mais de cinco anos de experiência na área e vínculo direto com o contexto escolar investigado. As entrevistas serão realizadas presencialmente no ambiente da escola, em horários previamente agendados. Para garantir a fidelidade das informações, o registro será feito por meio de gravações de áudio, com a devida autorização das participantes, além de anotações de campo que complementarão as informações coletadas.

## 5.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1 Infância

Este estudo aborda, inicialmente, os conceitos relacionados à história da infância, compreendendo-a como uma construção social que evoluiu ao longo do tempo, refletindo mudanças nas percepções e práticas relacionadas às crianças e ao seu papel na sociedade. Nesse contexto, a história da infância revela as transformações nas concepções acerca da infância, desde períodos em que as crianças eram vistas como pequenos adultos até momentos em que passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos e necessidades específicas. Por outro lado, a perspectiva da história da educação infantil amplia esse entendimento ao focalizar as práticas, políticas e discursos associados à educação das crianças pequenas, destacando a emergência de abordagens pedagógicas menos colonizadoras e voltadas ao desenvolvimento integral e à promoção do bem-estar infantil.

A concepção de infância passou por transformações significativas ao longo da história para chegar até ao que ela é hoje. Ela já foi considerada até uma etapa sem valor: “Os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, porque esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade” (ARIÈS, 1978, p. 52 ).

A descoberta da infância remonta ao século XIII e foi evoluindo nos séculos seguintes; o seu desenvolvimento começou realmente no século XVII. Até o início da Idade Moderna, as crianças eram frequentemente vistas como "miniadultos", integradas nas atividades produtivas e sociais dos adultos, sem uma distinção clara entre as fases da vida. Essa perspectiva refletia não apenas as condições sociais e econômicas da época, mas também uma realidade marcada pela alta mortalidade infantil, que dificultava a formação de laços emocionais profundos nas famílias. Dessa forma, a infância era uma fase de transição e não um período protegido ou valorizado.

Ao abordamos a perspectiva indígena sobre esse assunto, o tema ganha uma compressão importante, pois para os povos originários a infância não é apenas uma etapa de preparação para a vida adulta, mas um período de aprendizagem, participação e brincadeiras que reforçam a coesão social, os valores culturais e o conhecimento tradicional; as brincadeiras e atividades cotidianas desempenham o papel fundamental na formação da identidade indígena assim transmitindo seus conhecimentos e as normas.

A obra “brincando de ser criança” retrata essas experiências mostrando que as brincadeiras indígenas são muito mais do que simples diversão; são práticas culturais que fortalecem os laços com a comunidade e preservam as tradições. Este livro mostra que a

infância indígena é uma fase de autonomia de aprendizado, diferente da visão ocidentalizada que frequentemente a reduz a um estágio de dependência.

Assim, a descoberta da infância não pode ser vista só apenas por uma ótica ocidental. Pois a educação indígena revela que a infância não é apenas uma fase isolada e protegida, mas está inserida no meio das dinâmicas culturais que acontecem na sua comunidade.

Como afirma Nunes:

“Os Xavantes permitem às suas crianças seguir atenta e abertamente quase tudo o que os adultos fazem ou dizem, e, também, o que não deveriam fazer nem dizer. Ao mesmo tempo, permite-lhes descobrir o enorme conjunto de regras que todos seguem e que garantem a existência e manutenção de relações peculiares entre as pessoas desta sociedade, bem como os desvios a essas regras e os problemas que estes originam” (NUNES, 2003, pág. 35).

No contexto africano, temos a carta africana dos direitos e bem-estar da criança que representa a parte fundamental na valorização e proteção da criança ao longo da história. Como já foi citado, a infância foi vista de maneira diferente ao longo do tempo. A carta africana dos direitos e bem-estar da criança foi adotada em 1990 pela organização da unidade africana, agora União africana, e foi o marco na proteção dos direitos da criança no continente africano; ela reconhece às crianças direito à vida, educação, saúde e proteção contra abuso exploração e negligência e toda forma de violência.

A percepção da infância começa a mudar principalmente na Europa com o passar dos séculos XVII e XVIII. A partir do século XVII, a arte e a iconografia começaram a refletir uma nova abordagem, reconhecendo a infância como uma fase distinta, com suas próprias características e necessidades. Essa mudança foi acompanhada pela emergência de uma nova sensibilidade em relação às crianças, que passaram a ser vistas como indivíduos dignos de cuidado e atenção especial. O sentimento de afeto pela infância começou a se consolidar, transformando a maneira como as famílias interagiam com seus filhos e como essas interações eram mediadas pela cultura e pela sociedade.

O século XVIII marcou uma fase crucial nessa evolução, quando as crianças passaram a ser notadas. Tornou-se comum, nesse período, as crianças aparecem sozinhas nas pinturas; os retratos de família se organizavam em torno delas, as crianças se beijando, se abraçando e animando os adultos à sua volta. Também apareciam lendo, desenhando e brincando. Esse fato pode ser evidenciado com a seguinte afirmação de Ariès (1978, p. 39):

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar.

Nesse contexto, a infância começou a ser reconhecida como um período que exigia práticas educacionais específicas. Pensadores como Rousseau influenciaram essa mudança ao

defender a ideia de que a educação deveria ser adaptada à fragilidade e inocência das crianças. As famílias começaram a valorizar a educação como um direito das crianças, proporcionando-lhes ambientes adequados, como quartos próprios e alimentação adequada à sua idade. Surgiram, também nesse período, a vacinação e a prática da higiene, que foram as grandes responsáveis, a partir de então, por reduzir o índice de mortalidade infantil. Essa transformação na dinâmica familiar e nas práticas de cuidado foi fundamental para a construção de uma nova identidade infantil.

## **5.2 Educação Infantil**

A escolarização infantil também desempenhou um papel vital na consolidação dessa nova percepção. No século XVII, as escolas começaram a emergir como espaços que separavam as crianças dos adultos, reconhecendo-as como sujeitos em desenvolvimento, com necessidades específicas. No século XVIII, essa tendência se intensificou, levando à criação de um sistema educacional que focava no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A escola tornou-se um ambiente onde a infância era respeitada como uma etapa singular da vida, contribuindo para a formação de uma identidade infantil que valorizava a educação e o cuidado, permitindo que essa fase fosse reconhecida como uma parte essencial da experiência humana. Pois ela desempenha um papel crucial na formação de uma identidade infantil valorizada pela sociedade.

Desta forma, a educação começou a ser vista não apenas como um meio de transmissão de conhecimentos, mas também como uma oportunidade para promover o desenvolvimento integral dessas crianças

As escolas começaram a se moldar como ambientes acolhedores, onde as particularidades da infância eram valorizadas. Filósofos e educadores, como Jean-Jacques Rousseau e Lev Vygotsky defendiam a ideia de que a educação deveria respeitar o ritmo natural das crianças, permitindo que elas explorassem o mundo ao seu redor. Essa visão contribuiu para a formação de uma identidade infantil que não apenas reconhecia a importância do aprendizado, mas também enfatizava o cuidado e a proteção necessários para o desenvolvimento emocional saudável. Com esse novo entendimento, a infância passou a ser considerada uma fase essencial da experiência humana, com suas próprias características e necessidades. A escola se tornou um espaço onde as crianças poderiam se expressar, experimentar e, assim, construir uma identidade própria, fundamentada na valorização da educação. Esse processo não apenas moldou o desenvolvimento individual das crianças, mas também teve um impacto profundo na sociedade, que começou a reconhecer a importância de cuidar e educar as novas gerações de maneira mais atenta e respeitosa.

Assim, o século XVIII não apenas marcou a criação de um sistema educacional mais sensível às necessidades infantis, mas também consolidou a ideia de que a educação é um pilar fundamental para a formação de cidadãos conscientes, empáticos e críticos, capazes de contribuir para a sociedade de maneira significativa. Essa mudança de paradigma estabeleceu as bases para as práticas educacionais modernas e para o reconhecimento da infância como uma fase de vida rica e valiosa.

Desta forma, avançou a compreensão de que a educação na infância é importante; é uma fase fundamental para a formação da criança, que influencia seu futuro. Pois na educação infantil é trabalhado o desenvolvimento de habilidades motoras, equilíbrio, concentração, atenção, o desenvolvimento da linguagem e da fala, desenvolvimento do pensamento, desenvolvimento da autonomia, desenvolvimento da identidade, Habilidades sociais emocionais, Desenvolvimento da empatia, Desenvolvimento da cooperação, ajudando a criança nesse período de descoberta de novas habilidades.

As contribuições de Henri Wallon com relação à cognição e afetividade na educação são importantes. Ele aponta como o conjunto afetivo influencia o meio social e afeta o cognitivo, pois as emoções e sentimentos moldam a maneira como a pessoa se relaciona com o meio social, influenciando comportamentos, atitudes e a percepção do mundo ao seu redor. Cada fase da infância constitui um todo indissociável e original, onde a criança é um ser em constante transformação. Como Wallon aponta (2007, p.198).

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade.

A primeira infância é um momento em que o cérebro também está em desenvolvimento rápido, com os ensinamentos dados nesse período podem ter efeito durante toda sua vida influenciando diretamente o potencial da sua aprendizagem atual e futura é um período marcante, que vai levar consigo boas e más lembranças desse período por longo da sua vida e sua carreira, por isso é importante ter uma educação de qualidade nesse momento, pois uma criança que recebe uma boa educação, uma didática bem elaborada vai ter uma probabilidade de ter um bom sucesso educacionais.

Para compreendermos melhor, é fundamental reconhecer a importância da educação infantil. Infelizmente, nesse período tão importante para a criança que é a infância em si e a educação, muitos pais pensam nesse período como um descaso de suas responsabilidades ao deixar seus filhos na escola ou na creche, mas não veem a importância da educação nesse momento, pois como falei acima, um tempo crucial garantir bons resultados no presente e no



futuro daquele individual. Por exemplo, na escola vai ter a leitura frequente de histórias fazendo ela conhecer novas palavras, aumentando seu vocabulário e facilitando a assimilação de conceitos. Com isso os professores acabam tendo um pouco mais dificuldade de conseguir bons resultados desses alunos, já que não tem a parceria desses pais que vem a escola como um “DEPÓSITO” acaba levando o professor sofrer pressão tanto de si mesmo como da própria gestão escolar.

A educação infantil, como a conhecemos hoje, é resultado de profundas transformações sociais ao longo da história. Na Idade Média, por exemplo, as escolas não possuíam uma estrutura organizada com turmas e divisão por idades. Segundo o livro de Philippe Aries, nessa época não havia separação entre as faixas etárias; as crianças entravam na escola e imediatamente participavam do ambiente adulto, convivendo com pessoas de diferentes idades em um espaço comum.

As escolas daquele período eram bastante diferentes das atuais. Muitos mestres alugavam ambientes temporariamente para ministrar suas aulas, e em cidades como Paris, as aulas eram realizadas até mesmo em ruas, sem um local fixo e específico para o ensino. Essa ausência de uma estrutura definida refletia uma concepção de educação mais flexível e menos formal, onde o espaço físico e o agrupamento por idade não eram prioridades. Somente no final da Idade Média começou a surgir um pensamento voltado para a diferenciação das idades e a necessidade de estabelecer locais específicos para o ensino. Essa mudança marcou o início de uma organização mais sistematizada da educação, que evoluiria até chegar às estruturas atuais de escolas infantis e turmas por faixa etária, refletindo uma compreensão mais elaborada do desenvolvimento infantil e da importância de ambientes apropriados para o aprendizado.

No século XVIII, os colégios tinham uma função bastante diferente da que conhecemos hoje: eram considerados asilos para estudantes pobres, e não funcionavam como centros de ensino propriamente ditos. Somente a partir do século XV é que os colégios passaram a se transformar em instituições de ensino formal, com estabelecimentos fixos. Essa evolução esteve relacionada ao reconhecimento da importância da diferenciação de idades, levando os colégios a se tornarem locais destinados à educação da infância.

Nos séculos XV e XVI, iniciou-se a prática de recrutar pessoas letradas para atuar como professores, além de designar profissionais especializados para cada turma específica, geralmente em salas separadas. Essa organização institucional foi fundamental para o desenvolvimento do modelo de escola que conhecemos hoje, com turmas, professores especializados e uma estrutura mais formalizada de ensino.

No século XVII, a primeira infância era considerada até aproximadamente 5 ou 6 anos. Somente após essa fase, as crianças começavam a frequentar a escola, geralmente por volta dos 7 anos. Essa prática refletia uma concepção de que as crianças precisavam de tempo para se desenvolver emocional e fisicamente antes de ingressar no ambiente escolar, que era visto como um espaço mais formal e exigente. Com o tempo, observando as dificuldades de acesso e as condições sociais, houve uma tentativa de retardar ainda mais a entrada na escola, chegando aos 10 anos de idade. Essa mudança tinha o objetivo de proteger as crianças, mantendo-as longe do ambiente escolar por mais tempo, sob a justificativa de preservá-las de pressões precoces e de um sistema que não era adaptado às suas necessidades de desenvolvimento infantil. Assim, essa prática resultou em muitas crianças permanecendo afastadas da educação formal durante anos, o que refletia uma visão de infância como uma fase de inocência que deveria ser preservada, mas também de atraso na escolarização. Como é citado um exemplo de um rapaz com idade de Dezoito anos ainda não sabia ler e foi iniciar seus estudos já tardio, assim foi colocado para aprender junto com as crianças pequenas.

Havia ainda problema para separação da infância e adolescência. No período da segunda infância a adolescência foi distinguida graças ao estabelecimento da idade e diferença de classe escolar, no século XVI. Durante esse período, a separação entre esses grupos não era bem definida, principalmente porque o objetivo das escolas medievais não era proporcionar uma educação específica para crianças, mas sim para jovens adultos. Como resultado, as escolas frequentemente tinham alunos de idades variadas, como de 10 a 13 anos e de 15 a 20 anos, convivendo. Essa falta de distinção na idade e na finalidade da educação refletia uma postura indiferente das instituições escolares em relação às diferentes fases de desenvolvimento, dificultando a separação entre infância e adolescência até que, posteriormente, a distinção foi estabelecida com base na idade e na classificação escolar.

Após diversos processos de transformação que nos levaram à educação infantil que conhecemos hoje, ainda existem desafios a serem superados e aspectos a serem mais bem compreendidos. Entre eles, destacam-se a necessidade de uma educação que seja contra o colonialismo, autoritarismo e rigidez, além de ser sensível às diferentes fases de aprendizagem das crianças

No contexto da modernidade, o sistema educacional ainda carrega muitas marcas de uma educação colonial e hegemônica, ou seja, uma forma de ensinar que foi imposta durante o período colonial e que continua influenciando o modo de pensar e agir na educação. Apesar de diversas lutas por mudanças, essas raízes ainda permanecem, moldando o modo como as crianças são vistas e tratadas. Criança é vista como alguém que está sujeita aos mecanismos e

dispositivos que definem seu lugar na sociedade, ou seja, ela não é uma agente ativa na sua formação social, mas sim alguém que é moldada por ideias, valores, costumes e crenças transmitidos pelos adultos.

Kuhn, M., Arenhart, L. O. e Salva, S. (2024, p. 6) afirmam em seu artigo que “as práticas pedagógicas que não reconhecem as crianças como sujeitos ativos na recepção e reelaboração da cultura operam dentro de um modelo educacional colonial, que discursa sobre a proteção e a necessidade do cuidado do adulto, sob o pretexto de suposta imaturidade e fragilidade das crianças.”

Para promover uma educação descolonial, menos autoritária e rígida, podemos nos inspirar nos pensamentos de Miguel Arroyo, um importante educador

Espanhol que vive a muitos anos no Brasil que defendi uma abordagem pedagógica centrada no aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Em sua obra “Outros sujeitos e outras pedagogias”, Arroyo questiona: “Quem são esses outros sujeitos, outras pedagogias?”.

Esses sujeitos a quem ele se refere são aquelas pessoas que, por muitas vezes, foram invisibilizadas pelo sistema capitalista e pelo modelo tradicional de educação. São indivíduos que, por diferentes motivos, tiveram suas vozes reprimidas ou ignoradas, e que agora começam a emergir, manifestando suas opiniões, participando de manifestações e reivindicando seus direitos. São estudantes que muitas vezes têm experiência e conhecimento adquirido nas suas vivências e que muitas vezes elas não são valorizadas no modelo educacional tradicional. Onde tem a uma ideia centralizada em uma pedagogia válida e uma pedagogia inválida.

As crianças, os jovens populares até os adultos na EJA são obrigados a ocultar suas experiências sociais, indagações e leituras que levam do trabalho e dessas experiências tão radicais. Até os militantes, que vêm de tensas experiências de luta nos movimentos e que acumularam riquíssimas práticas e concepções pedagógicas, são levados a ignorá-las ou, no máximo, a utilizá-las como matéria-prima para despertar o interesse por teorias sérias e científicas. Até os saberes, a criatividade e as autorias docentes são controladas no fazer pedagógico. (ARROYO, 2003).

E as outras pedagogias quais são? Segundo Arroyo a "outra pedagogia" é conhecimento adquirido nas suas vivências, que são considerados pedagogia “inválidos” é preciso desconstruir esses pensamentos de um único saber pedagógico, central e válido, desconstruir principalmente nas formações de educadores, pois há outras pedagogia, conhecimento de grupos oprimidos, esses que estão sempre exigindo reconhecimento, é preciso desconstruir essa escola fechada, cheias de regras rígidas, é preciso uma pedagogia libertadora, que faça os alunos querer ir pra escola, que não seja uma escola centrada em um sala, que seja uma pedagogia que faça o aluno se sentir à vontade, sem sentir medo de perguntar, de participar, que principalmente

escute o aluno, isso tudo acontecer precisamos entender como Renato Russo dizia “liberdade é responsabilidade”.

O documentário “Quando Penso Que Já Sei” é um projeto independente que busca refletir sobre novas pedagogias mais libertadoras e humanizadas. Uma das falas marcantes é de um educador, Tião Rocha, que cita uma fala da diretora: “as crianças são como uma página em branco onde devemos escrever um belo livro”. Essa metáfora reflete uma visão tradicional de educação que considera as crianças como vazias de conhecimentos prévios, esperando-se que elas aprendam tudo do zero na escola. Contudo, esse pensamento é equivocado, pois ignora o fato de que as crianças já possuem experiências, vivências e conhecimentos adquiridos antes de ingressar na escola, vindos de suas famílias e do ambiente em que vivem. Elas aprendem a falar, a andar e diversas outras habilidades antes mesmo de iniciarem sua trajetória escolar formal.

O filme faz uma crítica importante ao modelo de escola tradicional, que costuma ser rígido, baseado em regras, horários fixos e uma organização que prioriza a ordem acima do protagonismo do aluno. Essa abordagem muitas vezes limita o potencial de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças, que deveriam ser vistas como sujeitos ativos no processo educativo. O documentário também destaca a importância do papel do educador como facilitador e mediador da aprendizagem, reconhecendo o aluno como centro do processo. Além disso, reforça a necessidade de ampliar o ambiente de aprendizagem para além dos muros da escola, incluindo atividades ao ar livre, contato com a natureza e experiências que promovam uma educação mais libertadora, criativa e conectada com a vida real dos estudantes.

Precisamos de uma educação descolonial que rompa os pensamentos colonialistas existentes nas estruturas, Grada Kilomba ela expõe como a colonialidade não é passado, mas um presente que se reinventa, então descolonialidade é a crítica e a rejeição dos modos de pensar, viver e conhecer que foram impostos pelos colonizadores europeus, e que continuam a dominar a cultura, a política, o conhecimento e as relações sociais até hoje.

Se todas as instituições desconstruíssem essa estrutura única de educação, provavelmente haveria uma redução na evasão escolar, menos alunos frustrados e uma maior sensibilidade às necessidades dos estudantes. Diversificar abordagens pedagógicas, oferecer metodologias mais inclusivas e personalizadas, e valorizar diferentes formas de aprendizado podem criar um ambiente mais acolhedor e motivador. Assim, os alunos se sentiriam mais engajados, valorizados e apoiados, contribuindo para uma experiência educacional mais positiva e eficaz.

Esses desafios surgem devido ao problema de uma educação universal, que muitas vezes não leva em consideração as diferenças individuais dos alunos. Nem todos os estudantes se

encaixam no perfil de um "estudante universal", pois cada um possui seu próprio contexto cultural, social e local, e para ter uma educação central ocorre uma "domesticação" desse sujeito diversificado.

Artigo "que infância é esta?" traz essa percepção de que a infância é frequentemente vista como um período de formação e desenvolvimento, no qual as instituições sociais desempenham um papel fundamental. Segundo Kuhlmann Jr. (1998, p. 8), "o corpo da criança constituiu, a partir do século XVIII, um foco de poder-saber". Essa percepção está profundamente relacionada ao conceito de biopoder, elaborado por Michel Foucault, que se refere ao controle exercido sobre os corpos e as vidas das pessoas.

A educação infantil seria uma forma de intervir na formação do sujeito, com o objetivo de civilizar e domesticar as crianças. No entanto, essa abordagem ignora a diversidade e as diferenças culturais dos indivíduos. Como afirma Arroyo, existe sim uma "outra pedagogia" que não é reconhecida pela educação universal.

A ideia de educação universal, elaborada a partir de pensadores como Comenius, pressupõe que todas as crianças podem ser educadas da mesma forma, independentemente de seu contexto cultural, social e local. No entanto, essa abordagem não leva em conta as desigualdades e as diferenças existentes entre as crianças. Por exemplo, uma criança que vive na zona rural pode ter menos recursos e oportunidades do que uma criança da zona urbana.

Por não respeitar essa diversidade acaba gerando indivíduos que não irão se sentir encaixados nesse "padrão" de ensino e conseqüentemente se sentirão rejeitadas, levando a um abandono da escola, como também temos a desigualdade de oportunidade para esses sujeitos.

O documentário "Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco" reafirma como essa educação tem a diversidade como um problema a ser consertado, para conseguir então a eficiência desse ensino. Como a ideia de a escola ser uma forma de romper com a cultura tradicionais mudar a forma de ver as coisas, e fazerem todos ter uma única forma de aprender. Essa perspectiva tende a minimizar ou desconsiderar os saberes, línguas, tradições e formas de conhecimento de diferentes grupos sociais, especialmente os povos indígenas, afrodescendentes e outras culturas marginalizadas. Como consequência, a diversidade cultural é vista como uma ameaça à padronização do ensino, levando à tentativa de "consertar" ou apagar essas diferenças para que todos aprendam de uma mesma maneira, muitas vezes baseada em valores, linguagens e referências culturais dominantes.

A presente pesquisa então reforça a importância de promover uma educação mais humanizada, que valorize e respeite as diferenças e diversidades presentes no ambiente escolar. Ao adotar as práticas pedagógicas que considerem as singularidades de cada aluno,

contribuímos para a construção de um espaço mais inclusivo, acolhedor e estimulante. Dessa forma, essa pesquisa fará com que estudantes se sintam mais integrados e motivados a participar ativamente do processo de aprendizagem, reconhecendo suas limitações e potencialidades.

## 6. REFERÊNCIAS:

ARROYO, M. (2012). Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BLACK, Carol (Dir.). Escolarizando o mundo: O último fardo do homem branco (Schooling the World: The Last White Man's Burden). Documentário. Produção: EUA/Índia, 2011. 65 min.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 06 abril.2025

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Educar, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Universidade Federal do Paraná (UFPR).

GRADA KILOMBA. Memórias da plantação. 1. ed. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUHNA, Martin; ARENHART, Lívio Osvaldo; SALVA, Sueli. Decolonialidade e educação infantil: para pensar uma pedagogia da infância. Educar em Revista, Curitiba, v. 40, e87423, 2024.

ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA. Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança. Addis-Abeba: Organização da Unidade Africana, 1990.

PEREIRA, Angela Maria Nunes Machado. Brincando de ser criança: contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância. Lisboa: s. n., 2003.

QUANDO sinto que já sei. Direção: Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima. Produção de Maria Farinha Filmes. Brasil, 2014. 78 min.